

QUEIROSIANA



Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração

Número 2

Julho de 1992

Maria João Simões

Da intensa personalidade que foi Fradique Mendes, a acreditar em Eça de Queirós, seu criador, nada mais resta (para além de uns não completamente assumidos poemas de juventude¹) do que algumas cartas – salvas, por assim dizer, do implacável silêncio a que remete os seus escritos depositados nas mãos da não menos implacável guardiã que foi Madame Lobrinska².

Qual, então, a importância destas cartas reunidas na obra intitulada *A Correspondência de Fradique Mendes (Memórias e Notas)*? Apresentarão estas cartas diferenças fundamentais em relação ao discurso epistolográfico do próprio Eça na sua correspondência particular?

No intuito de inventariar e analisar alguns destes problemas dedicámo-nos a um confronto³ entre as duas correspondências, uma verdadeira – a de Eça – e outra que releva do domínio da ficção – a de Fradique – no sentido de sondar as suas especificidades. Ora um confronto deste género não poderia deixar de considerar os aspectos temáticos atinentes a cada uma das correspondências e serão precisamente as diferenças a nível do tratamento dos temas que agora analisaremos.

Maria João Simões é assistente da Faculdade de Letras de Coimbra, onde apresentou, em 1987, uma dissertação de mestrado intitulada *Correspondências: Eça e Fradique. Análise de estratégias epistolográficas*, de que o presente artigo é um extracto reelaborado. Integra a equipa que está a preparar a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, tendo também iniciado os trabalhos de pesquisa para a sua tese de doutoramento, sobre as ideias estéticas de Eça.

1. Reportamo-nos aqui, como é evidente, a Fradique Mendes enquanto criação exclusiva de Eça de Queirós e não ao comumente designado primeiro Fradique criação colectiva de Antero, Eça e Batalha Reis (Cf. Eça de Queirós – *A Correspondência de Fradique Mendes (Memórias e Notas)*, Porto, Lello & Irmão Editores, s.d., p. 19-20).

2. *Idem*, p. 100.

3. Cf. Maria João Simões – *Correspondências: Eça e Fradique. Análise de Estratégias Epistolográficas*, Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra, 1987.

Para a realização deste objectivo torna-se necessário, contudo, postular as coordenadas teóricas que nos poderão orientar.

Para Teun Van Dijk, por exemplo, numa atitude descritiva face a um objecto podemos procurar as suas características gerais ou as suas características particulares realizando para tal determinadas "cognitive operations of generalization or abstraction on the one hand and of specification or particularization on the other hand"⁴. É a partir desta distinção de base cognitiva e de carácter intuitivo, como ele próprio salienta, que Van Dijk elabora a distinção teórica entre microestruturas e macroestruturas textuais.

A ideia de que as macroestruturas textuais relevam do domínio conceptual e se atingem por abstracção e/ou generalização tem uma aceitação geral. O mesmo não se verifica, porém, no que diz respeito à própria detecção e formalização das macroestruturas e à sua articulação com as microestruturas. De facto, a extrapolação ou dedução das referidas macroestruturas feita a partir de microestruturas criando homologias ou sobreposições entre estas estruturas, não têm dado resultados totalmente satisfatórios⁵. Este problema decorre (como se sabe) do carácter extremamente complexo do mundo conceptual que origina uma fluidez e uma flutuação terminológicas enormes em termos como "conceito", "assunto", "tópico", "tema", "argumento" (entre outros).

A proposta de formalização apresentada por Greimas e Courtés remete-nos também para problemas semelhantes e a sua noção de "conversão", entre os níveis sintáctico e semântico, é explicitada em termos de "equivalência"⁶ e a "tematização" considerada em termos de isomorfismo⁷.

Mas chegados a este ponto, deparamos então com um novo problema: se não há uma univocidade entre as estruturas discursivas e as estruturas,

4. Teun Van DIJK – *Macrostructures. An Interdisciplinary Study of Global Structures in Discourse, Interaction and Cognition*, Lawrence Erlbaum Associates Publishers, New Jersey, 1980.

5. Confronte-se a este propósito a breve análise das formulações de Van Dijk (nomeadamente a distinção sentence topic/discourse topic) realizada por Sholomith Rimmon-Kenan – "Qu'est qu'un thème?" in *Poétique*, 64, Nov., 1985, p. 401.

6. A. J. GREIMAS/J. COURTÉS – *Sémiotique, Dictionnaire Raisonné de la Théorie du Language*, Paris, Hachete, 1979, pp. 86-87.

7. A. J. GREIMAS/J. COURTÉS – *op. cit.*, 2.º vol., p. 238.

semânticas a descoberta dos vectores temáticos de um texto depende apenas do leitor, pelo que entramos no domínio da subjectividade e da leitura plural.

Neste aspecto podem trazer alguma luz as teorias da chamada Estética da Recepção e as mais recentes teorias hermenêuticas. Segundo W. Iser, só o leitor poderá colmatar os pontos de indeterminação inerentes a qualquer texto⁸. Ora, parte dessa indeterminação advém de uma determinada quantidade de informação apenas implícita no texto. Essa indeterminação é colmatada quando o leitor activa actualiza essa informação implícita, inerente à *intenção* comunicativa. É o que nos diz T. K. Seung:

The explicit identity of intention and expression obtains in the domain of explicit reference, and their implicit identity in the domain of implicit reference. Their explicit identity cannot allow any room for the indeterminacy of meaning, but their implicit identity can. It is this room of indeterminacy that provides the pragmatic leverage for proposing many different interpretations of any given text on the level of its implicit thematic reference⁹.

Neste sentido a determinação das referências temáticas não depende só dos vectores semânticos explícitos. As regras estabelecidas por T. Van Dijk para atingir "the global topic of a fragment" – DELETION, SELECTION, GENERALIZATION AND CONSTRUCTION¹⁰ – são insuficientes, em relação ao objecto que visam, se não se tiver em conta, quer os subentendidos, quer os pressupostos inerentes às microestruturas a analisar. Porém, a actualização destes conteúdos depende do conhecimento – da própria língua e "enciclopédico" – de cada utente e ainda do conhecimento que cada participante pressupõe no outro, depende, portanto, de factores exteriores ao texto.

8. Cf. Wolfgang ISER – *L'Acte de Lecture. Théorie de l'Effet Esthétique*, Bruxelles, Pierre Mardaga Éditeur, 1985, pp. 317-338.

9. T. K. SEUNG – *Semiotics and Thematics in Hermeneutics*, Columbia University Press, New York, 1982, p. 150.

10. Cf. Teun VAN DIJK – *Macrostructures...*, *Op. cit.*, pp. 46-50.

Esta valorização do implícito¹¹ e da participação do sujeito exterior ao texto surge pela verificação da insuficiência heurística de uma perspectiva demasiado organicista da linguagem (literária ou não). Em termos Kuhnianos poderemos dizer que se trata de uma substituição de paradigmas em que o paradigma comunicacional faz submergir o estruturalista¹².

Na constatação do carácter "enviezado", permeável e não acabado do texto instala-se de novo a pergunta: como determinar as referências temáticas indirectas e fazer uma leitura correcta?

Eis o que nos diz T. K. Seung a este respeito:

An answer to this question can be formulated by using Heidegger's notion of projection, which has been adopted as a central element in the Gadamer's theory of hermeneutic understanding. Gadamer says "A person who is trying to understand a text is always performing an act of projection¹³".

O método projectivo pressupõe a possibilidade da revisão ou correcção das construções hipotéticas elaboradas. A projecção depende fortemente do sujeito que a realiza¹⁴, mas a revisão será sempre determinada pelo texto – o que nos conduz, como afirma T. K. Seung, ao conceito de coerência:

Gadamer's criterion for determining whether a fore-meaning can or cannot be worked out appears to be the principle of textual coherence. The fore-meanings that turn out to be incoherent with their texts are inappropriate and arbitrary; they have to be rejected or revised¹⁵.

11. Cf. Catherine KERBRAT – ORECCHIONI – *L'Implicite*, Armand Colin, Paris, 1986.

12. Cf. Thomas KUHN – *The Structure of Scientific Revolutions*, The University of Chicago Press, Chicago, Illinois, 1962. (Trad. *La Structure des Révolutions Scientifiques*, Flammarion, Paris, 1972, pp. 25-28); Eduardo Prado Coelho – *Universos da Crítica*, Edições 70, Lisboa, 1982, II. 4. e III. 1.4., p. 430.

13. Cf. T. K. SEUNG – *Semiotics...*, *op. cit.*, p. 147.

14. A projecção, neste sentido, aproxima-se da noção de "cadre thématique" proposta por Gerald Prince (Cf. Gerald PRINCE – "Thématiser" in *Poétique*, 64, Nov., 1985).

15. T. K. SEUNG – *Semiotics...*, *op. cit.*, p. 17.

Também Michel Charolles advoga, para um correcto entendimento da coerência, um estudo realizado em termos de "abordagem procedimental". Segundo este método, os "dados" são "processados" em direcção a um "alvo" que inclui "a theoretical (abstract) projection" que irá permitir a avaliação dos dados¹⁶. Como o autor afirma, este método funciona como um sistema cíclico e é uma aplicação, ao problema específico da coerência, do modelo heurístico que R. de Beaugrande designa por *problem-solving process*¹⁷. Trata-se também, neste caso, de um método hipotético-correctivo onde "ensaio-e-erro" e "utilidade" são critérios chave para a compreensão textual.

Ora, é no estabelecimento destas probabilidades e destas relações que a coerência detém um papel fundamental:

Coherence subsumes the procedures whereby elements of knowledge are activated such their CONCEPTUAL CONNECTIVITY maintained and made recoverable. The means of coherence include: (1) logical relation such as causality and class inclusion; (2) knowledge of how events, actions, objects, and situations are organized; and (3) the striving for continuity in human experience¹⁸.

Nesta perspectiva, a coerência funciona a um nível supra-segmental¹⁹, cabendo ao leitor realizar as inferências para a determinação dos vectores temáticos fundamentais.

Por sua vez, para esta determinação, revelam-se de extrema importância os fenómenos de iteratividade e/ou recorrência semânticas consignados no conceito greimasiano de *isotopia*.

Podemos ainda considerar outro critério que designaremos por *convergência semântica*. De facto, podemos observar que, em qualquer texto, determinados vectores semânticos adquirem progressivamente uma maior

16. Michel CHAROLLES – "Coherence as general principle in the interpretation of human actions" in *Text*, vol. 3-1, 1983, pp. 83-84.

17. Para uma descrição pormenorizada deste método veja-se Robert de BEAUGRANDE – *Text, Discourse and Process...*, *op. cit.*, pp. 27, 42, 43, 179.

18. *Idem*, p. 19.

19. Cf. Shlomith RIMMON-KENAN – "Qu'est-ce qu'un thème?" in *Poétique*, N.º 64, Nov., 1985, p. 401.

densidade²⁰, uma vez que os demais significados que os rodeiam, através das relações que com eles estabelecem, os alimentam e enriquecem, formando, assim, nódulos semânticos fundamentais. Estas relações relevam, contudo, do domínio conceptual (o que De Beaugrande designa por "conceptual connectivity") e implicam, portanto, relações lógico-cognitivas.

É no sentido desta convergência que entendemos G. Prince quando afirma:

Le thème est représenté par un nombre indéfini d'unités textuelles (ou par d'autres catégories macrostructurales, comme l'intrigue, ou par d'autres thèmes)²¹.

Deste modo, é-nos possível pensar a representação das diversas isotopias textuais em termos de hierarquização de temas abrindo-se assim, como defende Carlos Reis, perspectiva para uma análise de "sintaxe temática":

... no contexto desta [análise], já não é apenas a expressão formal dos temas que está em causa, mas sobretudo as relações de distribuição e articulação sintagmática que os regem. O que significa que à leitura são impostas duas atitudes operatórias essenciais: a hierarquização dos temas de acordo com o relevo semântico de que desfrutam e o estabelecimento de conexões intertemáticas que, apoiando-se naquela hierarquização, podem levar a definir unidades subtemáticas remetidas a uma função de complementaridade²².

Considerando a determinação das convergências semânticas, das isotopias e da subsequente hierarquização temática como indispensáveis à descoberta da coerência do texto, resta-nos reafirmar que a própria coerência é sempre

20. Robert de Beaugrande afirma: "The dominant TOPIC or TOPICS of a textual world should be discoverable from the density of linkage around nodes in a interconnected space". (itálico nosso). (op. cit., p. 428). Ultrapassando o carácter eminentemente linguístico das formulações do autor – nomeadamente a noção de "TOPIC" – interessa-nos agora salientarmos como, através da representação espacializada do discurso se revela a densidade de certos elementos na frase – como, por exemplo, à volta de um verbo ou de um nome convergem os outros elementos da frase. Procedendo por abstração podemos alargar este fenómeno às categorias semânticas mais gerais e chegamos assim à noção de *convergência semântica*.

21. Cf Gerald PRINCE – "Thématiser" in *Poétique*, 64, Nov., 1985, p. 428.

22. Carlos REIS – *Construção da Leitura*, I.N.I.C./C.L.P., Coimbra, 1982, p. 54.

orientada, como vimos, em direcção a um alvo ("goal" – De Beaugrande; "target" – Charolles). Este alvo poderá ser constituído pela relação de pertinência pragmática entre a súmula das abstracções realizadas e a intenção comunicativa que preside a qualquer texto. Ora, como a *intenção* comunicativa é particularmente relevante na "carta", uma vez que constitui a razão originária da sua produção, esta relação de pertinência poderá conduzir-nos à detecção das estratégias utilizadas pelo responsável do discurso para atingir os seus objectivos.

3.1. A Parataxe Temática em Eça de Queirós

Tentaremos assim analisar a coerência interna das cartas de Fradique e das cartas de Eça e a sua especificidade na adopção de estratégias que permitam ao destinatário a percepção dos temas abordados e da intenção comunicativa subjacente a cada carta.

Em termos globais verificamos que, entre as cartas de Fradique Mendes e as cartas de Eça, existe uma diferença fundamental: enquanto as cartas de Eça revelam uma construção predominantemente paratáctica, as cartas de Fradique revelam uma construção hipotáctica.

De facto as cartas de Eça apresentam normalmente uma diversidade temática, sendo os temas directamente dependentes dos cronótopos do destinador, do destinatário ou do cronótopo comum.

Assim, por exemplo, na carta que Eça escreve de Santo Ovídio, em 29 de Maio de 82, para Eduardo Prado que se encontrava em Paris, podemos detectar alguns dos temas mais comuns das cartas de Eça. (Tomaremos como referência a edição da *Correspondência* da J.N.C.M. organizada por Guilherme de Castilho, abreviadamente designada pelas iniciais CO).

Logo no início se encontra um tema (tema que designaremos por A), muito frequente numa carta: o tema da *falha na escrita* no intercâmbio epistolar. No caso que nos serve agora de exemplo, este tema apresenta-se numa das suas múltiplas variações ou mutações porque se trata de uma desculpa, de uma subtil justificação recheada de humor:

Ora desde que cheguei a Portugal ainda um dia não passou que eu tivesse a *intenção* de lhe escrever – e isto é consideravelmente melhor do que se eu lhe remetesse as cartas, que, como factos do Mundo seriam meras ocas *ilusões* (CO. Vol. II, p. 236).

Pode também apresentar-se sob a forma de uma *queixa* – tema quase exclusivo de uma carta de amor como a que Eça escreve à noiva em 17 de Outubro de 1885 onde chega mesmo a afirmar: "Aqui estão duas folhas de papel empregadas a queixar-me". O início da carta é também elucidativo:

Tenho lido em almanaques muitíssimos casos de *ingratidões célebres*, mas nenhum (...) iguala o seu. Tem lá maços de cartas minhas, infólios, material para uma obra rivalizando com os quinze tomos da Correspondência de Cícero – e eu não tenho uma resposta sua, nem um seco *bonjour monsieur*. (CO., vol. I, p. 325).

Voltando à carta dirigida a Eduardo Prado, verificamos que Eça passa a relatar a sua *estada* em Portugal:

De resto, essa estada em Lisboa não merecia crónica. Passei lá duas semanas (...). Felizmente o querido O. M. nem sempre *secretariava de Estado* (bom verbo!) (...) (CO., vol. II, p. 236).

Este tema da *estada* (tema B) está directamente ligado ao cronótopo do destinador que não coincide com o destinatário. Este tema alarga-se e enche-se de pormenores quando o destinador empreende uma viagem e dela faz um relato saboroso, preenchendo assim, a quase totalidade da carta.

Verificamos ainda que não é apenas o circunstancial que rodeia o destinador que está em causa neste tema, mas também as pessoas que o rodeiam e que participam construtivamente do seu espaço-tempo.

Nesta carta Eça expõe a seguir a possibilidade de negociar o fornecimento de papel para o "Jornal do Comércio" com a fábrica de papel de Ruães:

Há dias, conversando com um amigo meu, sobre a antiga fábrica de papel de Ruães, a *magnífica Ruães*, que eu suponha extinta – ainda existe e prospera, em plena actividade (...) Lembrei-me logo do desejo que Você teve há tempos, em Paris, de se vir fornecer a Portugal de papel para o "Jornal do Comércio". (CO., vol. II, p. 238).

Este extracto remete-nos para um tema que designaremos genericamente por *negócios particulares* (tema C). Nesta carta constitui-se sob a forma de uma *proposta* de negócio que Eça reputa de vantajosa, quer para Eduardo Prado, quer para o país.

Tal como neste caso, a maior parte das cartas de Eça de Queirós documenta a actividade desenvolvida pelo escritor no meio jornalístico e literário. São inúmeras as cartas onde Eça faz propostas de colaboração em jornais ou revistas. Disto mesmo constitui um exemplo interessante, a carta que escreve a Oliveira Martins em 23 de Maio de 1888:

E agora, entro no assunto – que é literatura. Tenho aqui, para ti, isto é para o *Repórter*, dadas certas condições uma imensa quantidade de prosa. De facto, todo um livro. Livro, porém que se pode publicar aos bocados, todas as semanas, sem lhe prejudicar a unidade e o interesse. Compreenderás quando eu te disser que se chama *Correspondência de Fradique Mendes*. Trata-se, logo deduzes, de fazer para Fradique (não sei se te lembras deste velho amigo) o que está na moda fazer a todos os grandes homens que morrem – publicar-lhe as cartas particulares. (CO., vol. I, P. 473).

Neste caso trata-se também de uma proposta de colaboração apresentada por Eça, mas facilmente encontraríamos o inverso, ou seja, não uma oferta de colaboração, mas um *pedido* de colaboração (às vezes quase sob a forma de uma ordem) para a concretização de projectos editoriais, como podem constituir exemplos as cartas de contactos para o lançamento da *Revista de Portugal*. Elucidativo, a este propósito, é o contacto estabelecido com Oliveira Martins, em carta datada de 22 de Outubro de 1888:

O tempo chegou, porém, de dizeres (...) o que queres fazer na *Revista* – ou de dizeres que não queres fazer nada. Quando digo *nada*, excluo, está claro, crítica, história e literatura – porque nisso quer

queiras ou não queiras, pela amizade ou pela violência, com carícias ou a ferros, hei-de extrair prosa de ti. Dizendo *nada*, referia-me à *política*. Em política a *Revista* tem duas secções (...). Queres-te espojar nalgumas destas secções? Queres inventar uma secção? Queres ter simplesmente um número de páginas reservado – onde te espolinhes? Ordena. (CO., V. I, p. 536).

"Negócios particulares" é para nós uma designação de carácter genérico porque engloba, na verdade, uma enorme *pluralidade* de vectores temáticos: a literatura, o jornalismo, a política, nacional e estrangeira (em consequência dos cargos exercidos por Eça e das relações diplomáticas que os mesmos implicam), a economia e outros – como os que englobam os problemas de saúde ou os problemas de carácter financeiro (que sempre acompanharam o escritor), de natureza puramente pessoal e particular.

Ora o que diferencia, globalmente, este tema C é o seu carácter *inconcluso* e também o seu aspecto *utilitário*.

Assim, na carta que temos vindo a citar, Eça descreve a Eduardo Prado a situação da fábrica de papel de Ruães, e enumera as vantagens de um possível fornecimento feito por esta fábrica, com o intuito de convencer Eduardo Prado a fazer este negócio. A estratégia discursiva, detém, assim, um carácter nitidamente *perlocutivo*²³ – acentuado pelo emprego do imperativo, de expressões adverbiais e do condicional exprimindo um desejo:

Eis aqui, caríssimo Prado, o que há sobre indústria. Medite Você nesta informação – e responda, e com brevidade, porque nada se perde, nem mesmo tempo, em conversas sobre estas matérias. Eu gostaria, por todos os motivos, que Você se entendesse com Ruães – e era um serviço gentil à indústria Portuguesa (...). (CO., vol. II, p. 240).

23. Uma vez que obriga o destinatário a uma acção seja ela de aceitação ou de recusa. Trata-se da diferença entre os actos ilocutivos e perlocutivos: "La force illocutionnaire d'une phrase impérative, par exemple, consiste dans le fait qu'elle est suivie par une action". *Apud* R. GALISSON; D. COSTE – *Dictionnaire de Didactique des Langues*, Paris, Librairie Hachette, 1976, p. 411.

O discurso orienta-se, assim, para uma resolução pragmática do problema.

Por outro lado, e decorrente disto mesmo, o discurso é elaborado, tendo em vista uma resposta – para além da resposta à situação apresentada por Eça, Eduardo Prado deve responder a uma série de perguntas. Verifica-se, portanto, a *reversibilidade* característica desta correspondência, tanto mais que as diligências realizadas por Eça de Queirós eram já uma resposta a um desejo expresso por Eduardo Prado:

Lembrei-me logo do desejo que Você teve há tempos, de se vir a fornecer a Portugal de papel para o "Jornal do Comércio" (...). Assim tem Você, em Ruães o seu *desideratum*. (CO., vol. II, p. 238).

Estas características – a reversibilidade, o carácter inconcluso e o carácter pragmático – estão presentes na totalidade do epistolário eciano.

De facto verificamos que, na sequência epistolar, uma carta, em relação à que lhe é imediatamente anterior, apresenta alterações de opinião, resoluções que decorrem da discussão e do esclarecimento dos elementos que as cartas comportam – ou seja revelam a interacção com o destinatário.

Por outro lado, estes temas que fomos inferindo da leitura das cartas de Eça, embora estabeleçam relações de conexão entre si, dando ao discurso uma lógica e uma coerência muito próprias, não criam entre eles relações de subordinação mas apenas de coordenação. De facto, o tema A não é determinado nem determina B e/ou C, assim como B não depende de C ou de A. É claro que pode haver uma relação entre A, B e C; e também pode o tema anterior introduzir o tema seguinte, mas eles podem funcionar isolada e autonomamente. Não se verifica, portanto, uma convergência semântica entre os vários temas.

3.2. A Hipotaxe Temática em Fradique Mendes

As cartas de Fradique Mendes apresentam características temáticas completamente diferentes. De facto, cada uma das cartas de Fradique constrói um Campo Interno de Referência com uma autonomia e uma coerência próprias, para o estabelecimento do qual o destinatário desempenha uma função

específica – a de determinar o campo temático a abordar. Assim, a Eduardo Prado, brasileiro, Fradique vai falar sobre história política; a Ramalho Ortigão, crítico literário e social, Fradique conta um caso-tipo da sociedade contemporânea; a M. Bertrand B., dito Engenheiro na Palestina, fala do progresso e da indústria, etc...²⁴.

Com que *intenção* escreve Fradique a estas marcadas personalidades?

Com a intenção de exprimir as suas opiniões e as análises das mais diversas situações, de revelar a "real realidade das coisas".

Ora, sabendo nós que as cartas de Fradique foram inventadas, para serem publicadas²⁵, apercebemo-nos de que, na verdade, Fradique não se dirige apenas ao destinatário explícito mas sim a todo um público leitor muito mais vasto que se esconde por trás deste destinatário. Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca afirmam ser esta, uma situação muito utilizada no discurso argumentativo, tratando-se, de facto, de uma estratégia que consiste na explicitação de um único destinatário que encarna um público particular e/ou um público universal. Desta forma consegue-se uma maior aproximação do público sem que ele disso se aperceba²⁶.

Eduardo Prado, por exemplo, encarna todo um público brasileiro. leitor da "Gazeta de Notícias" e também o público português que da realidade brasileira tem uma visão errónea.

Para conseguir atingir este público, Fradique utiliza um discurso persuasivo e estratégias que revelam do domínio da argumentação, nomeadamente, o

24. Excepção a esta regra constituem as cartas a Mime de Jouarre onde, quase sempre, o cronótopo do destinador determina o tema – embora, pela objectivização, se torne autónomo.

25. Cf. a seguinte afirmação "A introdução a 'Cartas que nunca foram escritas por um homem que nunca existiu', não podia deixar de ser uma composição em que se tentasse dar a esse homem, primeiramente, realidade, corpo, movimento, vida". (CO., vol. I, p. 479).

26. Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca afirmam: "... lorsque l'auteur unique est considéré comme l'incarnation d'un auditoire (...) ce n'est pas toujours de l'auditoire universel. Il peut aussi – et très souvent – être l'incarnation d'un auditoire particulier"; "l'auditeur est considéré comme un échantillon de tout genre d'auditeurs. (...) Le choix de l'auditeur est déterminé par les buts que s'assigne l'orateur" – *Traité de l'Argumentation...*, La Nouvelle Rhétorique, Éd. Université de Bruxelles Bruxelles, 3.^a ed, 1976, pp. 51-52.

predomínio da construção hipotáctica²⁷. Deste modo os vectores temáticos manifestam uma convergência semântica decorrente da hierarquia que entre si estabelecem.

Se atentarmos, por exemplo, na carta escrita a Eduardo Prado, podemos verificar que os elementos temáticos se organizam por oposição – expressa discursivamente pela adversativa "ou". Esta oposição, presente logo no início do texto, decorre do estabelecimento de um momento hipotético de opção:

Nos começos do século, há uns 55 anos, os Brasileiros, livres dos seus males de mocidade, o ouro e o regime colonial, tiveram um momento único, e de maravilhosa promessa (...). Os Brasileiros podiam nesse dia radiante, fundar a civilização especial que lhes apetecesse, com o pleno desafogo com que um artista pode moldar o barro inerte que tem sobre a tripeça de trabalho, e fazer dele, à vontade, uma vasilha ou um deus. Não desejo ser irrespeitoso, caro Padre, mas tenho a impressão que o Brasil se decidiu pela vasilha. (CFM., p. 231).

Assim Fradique vai fazer a sua argumentação dentro desta estrutura opositiva, formulando uma hipótese desejável para a evolução e o desenvolvimento do Brasil. O modelo a seguir seria o da América do Norte nas suas origens. O desejável seria, portanto, um desenvolvimento ligado às riquezas naturais, um desenvolvimento prioritariamente agrícola.

O anti-modelo é constituído pela "velha", "enfezada" Europa, com "três mil anos de excessos", carregada de "ismos" e profundamente corrupta.

Entre estes dois polos oscila a argumentação fradiquiana realizada através da enumeração pormenorizada das vantagens e desvantagens correspondentes ao modelo e ao anti-modelo. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, todas estas estratégias relevam do discurso argumentativo:

27. Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca afirmam "La construction hipotactique est la construction argumentative par excellence", *op. cit.*, p. 213.

Formuler une hypothèse, ce n'est pas poser une affirmation isolée, car l'explicitation de celle-ci n'est possible que par l'énumération des conditions qu'on lui impose et des conséquences qu'on en déduit (...). Parfois, au contraire, l'hypothèse est décrite dans tous ses détails, pour la rendre violemment indésirable ou choquante²⁸.

Ora, estes autores afirmam que estas duas possibilidades indicam "les deux usages argumentatifs habituels de toutes les formes de l'utopie". E também neste caso, se trata, de facto, da formulação de uma hipótese profundamente utópica, dado que a evolução do Brail não foi, de facto, a desejada por Fradique. Segundo Fradique, o Brasil optou pela "vasilha". Assim, a pouco e pouco, esta estrutura opositiva conduz-nos ao objectivo intencional desta carta – o de tecer uma série de críticas ao Brasil. A marca dominante desta crítica recai sobre o espírito de imitação do brasileiro.

Podemos verificar que os subtemas da originalidade, da espontaneidade, da pureza, do natural, opondo-se aos da corrupção, deterioração, ostentação, conspiração de "ismos" sociais, aglutinados iterativamente na oposição novo/velho (salientada pela utilização do itálico), convergem para a oposição temática fundamental desta carta: GENUINIDADE vs IMITAÇÃO.

Ora a imitação, a contrafacção, é um erro, uma ilusão, que provém da ignorância e que impede uma visão correcta da Realidade. Confrontamo-nos então com os dados fundamentais daquilo que poderíamos considerar o posicionamento ideológico-filosófico de Fradique conforme o exprime dirigindo-se, sintomaticamente, a Antero:

Todo o fenómeno (...) tem uma Realidade. A expressão Realidade não é filosófica; mas eu emprego-a (...) para a apanhar dentro dela o mais possível dum *conceito* pouco coercível, quase irreduzível ao verbo. (...) Somente o erro, a ignorância, os preconceitos, a tradição, e sobretudo a ILUSÃO, formam em torno de cada fenómeno uma névoa que esbate e deforma os seus contornos, e impede que a visão intelectual o divise no seu *exacto, real e único* modo de ser²⁹.

28. *Idem*, pp. 196-197.

29. Cf. C. F. M., pp. 68-69 (sublinhado nosso).

Este posicionamento, pelo que logicamente acarreta, permite-nos discernir qual a missão que Fradique tem a cumprir: a de estabelecer uma visão que rompa a neblina e faça surgir a Realidade. Nesta carta traça-se, por assim dizer, o itinerário ideológico de Fradique que deverá ser exemplificado nas cartas, marcadamente personalizadas, que escreve.

Tal como esta, todas as outras cartas de Fradique revelam a utilização das mais diversas estratégias argumentativas.

A carta dirigida a Ramalho revela uma estrutura temática e uma utilização de estratégias argumentativas diferentes da anterior. Fradique apresenta a Ramalho Ortigão um "caso, e profundo". Trata-se de um caso particular de (efémero) triângulo amoroso. À partida apresentam-se três personagens-tipo: uma mulher burguesa "enfadada", "entediada" pelo ócio que o seu próprio estatuto lhe traz; um burguês novo-rico, "rastacuero", enfezado, efeminado; e, um D. Juan encantador. Esta caracterização tipificada predispõe, de modo determinista, à ocorrência da relação adúltera, permitindo assim uma descrição rápida dos factos realizada num tom burlesco-satírico. As ilações retiradas da análise deste caso particular – o "lucro efectivo para a sociedade" dum possível fruto deste "caso" – são apresentadas, por inferência, como uma consequência lógica.

Trata-se, portanto, de um raciocínio de tipo indutivo, partindo do particular para o geral. A convergência semântica manifesta-se nesta carta em torno das personagens-tipo, sendo os elementos semânticos mais diversos (desde a descrição mais geral até ao mais pequeno pormenor de incidência caricatural) reiteradamente utilizados para a sua caracterização. Ora, a especificação das personagens e as consequências previsíveis das suas características determinam o tema do adultério.

A relação facto-consequência, recorrente no discurso argumentativo, ganha aqui um grande relevo, realçando o malefício das condicionantes sociais que levam a consequências desastrosas. Esta argumentação comporta implicitamente uma reflexão moralizadora que se descodifica através da ironia da frase "Este mundo, portanto, está superiormente organizado".

Semelhante se nos apresenta a carta escrita por Fradique ao Sr. Mollinet.

Também nesta carta a caracterização desempenha um papel fundamental, só que se trata apenas de uma única personagem. Esta caracterização é de tal modo excessiva, que redundando na caricatura e na tipificação da personagem em questão: o "Conselheiro Pacheco".

Consequentemente, os vectores temáticos apresentam-se em estreita relação com as "qualidades", as "acções" desta personagem e o ambiente social em que se insere. Assim, o subtema da nulidade é veiculado, por exemplo, pela reiteração da negativa, enumerando aquilo que Pacheco não fez. "Pacheco não deu ao seu País uma obra, nem uma fundação, nem um livro, nem uma ideia". (CFM, p. 158).

O subtema da superficialidade é veiculado pela sua atitude de desdém para com as comissões parlamentares das especialidades e reiterado pela afirmação de que o "talento verdadeiro só devia conhecer as coisas pela rama" (trata-se de uma citação incrustada no próprio texto).

Estes e outros subtemas, pela sua convergência semântica, conduzem-nos ao tema mais geral da INUTILIDADE, assim como os subtemas da promoção da nulidade, da comédia e do servilismo políticos, do parlamentarismo bafiento e do constitucionalismo, nos conduzem ao tema da CORRUPÇÃO POLÍTICA.

A ironia é constante neste texto, quase levada à irrisão pela sobrecarga de hipérboles: "sem Pacheco – Portugal não seria o que é entre as nações!".

Este jogo constante entre o que é ironicamente afirmado e a sua negação desmistificadora revela-nos a encenação em que a personagem se movimenta permitindo-nos inferir o tema da HIPOCRISIA que engloba os outros dois temas da INUTILIDADE e da CORRUPÇÃO.

Finalmente, o estudo caracteriológico desta personagem e da sua inserção social permite a generalização implícita, por exemplo, na frase "Portugal todo moral e socialmente está repleto de Pacheco" (CFM, p. 164).

Uma estruturação diferente apresenta a carta que Fradique escreve a Bento de S., na qual são enumerados, desde o início, os temas a desenvolver na carta, apresentados como os grandes defeitos da imprensa da actualidade:

A tua ideia de fundar um jornal é daninha e exercrável. (...) tu vais concorrer para que no teu tempo e na tua terra se aligeirem mais os juízos ligeiros, se exacerbe mais a Vaidade, e se endureça mais a intolerância. Juízos ligeiros, Vaidade, Intolerância – eis três negros pecados sociais que, moralmente matam a Sociedade! (CFM., p. 209).

Com base nesta tripartidação inicial a carta prossegue, desenvolvendo, em pormenor, cada um dos temas. Trata-se, portanto, de uma argumentação de tipo demonstrativo partindo, neste caso, do geral para o particular.

Verifica-se, também, a existência de uma convergência semântica e de uma hipotaxe temática, só que, desta vez, o sentido é inverso ao percorrido nas outras cartas que analisámos. Podemos visualizar esta convergência semântica e a hierarquização temática que dela resulta estabelecendo o seguinte diagrama que se infere da carta em análise:



Concluíremos, assim, que a estruturação das cartas de Fradique é radicalmente diferente das cartas de Eça.

As primeiras revelam uma estruturação temática deliberadamente hierarquizada com a intenção de persuadir o leitor a aceitar as verdades que são reveladas e de cativar a sua adesão em relação às afirmações que são feitas, utilizando, para esse fim, um conjunto de estratégias e técnicas características do discurso argumentativo.

As cartas de Eça, cuja função é, intencionalmente, mais utilitária, revelam um discurso muito mais pessoalizado que envolve destinador e destinatário em compromissos recíprocos, manifestando, assim, o seu carácter fundamentalmente perlocutivo.